

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO  
ESTRANGEIRO

## ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Francos de porta
Anno ou 24 numeros .....	25000	Trimestre ou 6 numeros .... 5050
Semestre ou 12 numeros ....	15500	N.º avulso ou pago á entrega 5120
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros .....	35000	Semestre ou 12 numeros .... 18500

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 28

15 DE FEVEREIRO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA — 43, RUA DO LOBATO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.  
O correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA — Busto executado em mármore pela sr.ª Duquesa de Palmella.

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — O Marquez de Sá da Bandeira, PINHEIRO CHAGAS — Africa, o Valle do Zambeze, ALBERTO CERVAES — As nossas gravuras — Actualidades scientificas, A Ina será habitada? CAMILLO FLAMARION — O Carnaval portuguez — XAVIER DA CERRA.

**GRAVURAS.** — Marquez de Sá da Bandeira, busto pela sr.<sup>a</sup> duqueza de Palmella — Jazigo do Marquez de Sá da Bandeira no cemiterio de Santarem — Moziatunya (catarata Victoria de Livingstone) no alto Zambeze, vista 2.<sup>a</sup> — Exercícios guerreiros dos Zulus, no districto portuguez do Senna — Desabamento da pedreira e predios nos Guindaes, no Porto — Incendio depois do desabamento nos Guindaes — Espada do Marquez de Sá da Bandeira — Crateras da Ina — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

O desmoronamento não parece ter dito ainda a sua ultima palavra. Ao contrario, apresenta-se cada vez mais florecente, a ponto do poder executivo não fazer quasi outra coisa senão pôr espeques, tanto para sustentar de pé as instituições, como para sustentar apurados os edificios.

A muralha do Carmo ameaça ruina, a secretaria dos negocios estrangeiros tambem; não se dá muito pela solidez dos tuneis, desconfia-se da estabilidade das pontes, e a Carta começa a fazer torcer o nariz a alguns partidos militantes. Só se mantem de pé, cada vez mais firme, apesar de todos os esforços empregados para o derrubar — o deficit, resistindo impávido aos mais pavorosos tiros da dinamite parlamentar!

— Diga-se de passagem que as luctas da tribuna tem nos ultimos dias chamado grande concorrência ao *forum* meio arruinado de S. Bento. Os bons tempos da eloquencia constitucional parecem, entretanto, ter passado. E' que os gladiadores já se não ungem, para as pugnas tribunicias, com o balsamo do entusiasmo civico; quando muito ungem-se com o oleo dos emolumentos e só estão dispostos a morder o pó do circo, se os fizerem directores geraes.

Ora por mais que digam, Demosthenes é incompativel com a carta do conselho e com o ordenado d'um conto e duzentos.

Ponham Mirabeau no tribunal de contas e verão a que se reduz o grande orador de 89. Reduz-se a um tribuno de noventa e tantos — por mez.

Não obstante, a multidão enche todos os dias as tribunas, sêquiza de lucta dos partidos, e mal andarão os homens publicos portuguezes se não fizerem tudo o que esteja ao seu alcance para saciarem tão grande fome de palavra.

E' uma das poucas ingenuidades que ainda existem na alma nacional, esta d'acreditar que o desejo mais ardente da opposição é guilhotinar o sr. ministro da fazenda! Oh! não roubemos ao povo uma illusão tão grata!

— Em S. Carlos deu-se o *Propheta*, sem grande esmero, tanto pelo que diz respeito ao canto como pelo que diz respeito ao sol do 3.<sup>o</sup> acto, executados ambos sem impeto e sem inspiração, especialmente o sol.

Como aquelle povo que apedreja o astro do dia quando elle toca no occaso, assim a platêa de S. Carlos pateou ha alguns dias o sol, quando elle chegava á extremidade inferior do pano do fundo. Foi muito bem feito. O sol do *Propheta* era realmente inaceitavel, quer como centro do nosso systema planetario, quer como queijo, pois que mesmo n'esta qualidade tinha o inconveniente de ser de lona. Não servia pois, nem para a *hora da meditação*, nem para a sobrezeza.

— Outro pequeno acontecimento artistico, e este dos mais raros entre nós, A Academia das Bellas Artes expoz as provas dos concorrentes

so premio destinado a subvencionar um estudante de pintura no estrangeiro. São tres os candidatos, Arthur Loureiro, Columbano Pinheiro, e Condeixa, apresentando cada um d'elles uma paisagem tomada d'um ponto na tapada da Ajuda. As opiniões são concordes em que a primeira prova é a mais completa, chegando a revelar, a par d'um bello talento, bastante sciencia dos processos modernos; em que a segunda revela uma vocação original, sêquiza por se emancipar dos velhos modelos academicos, e em que a terceira não é de fôrma alguma desaproveitavel. N'este logar não cabe a critica d'aquellas provas, mas antes de tudo, se os poderes publicos quizessem attender a estas infimas bagatellas eu aconselharia o seguinte: que se mandasse um d'aquelles artistas para a Allemanha ou para a Belgica, outro para Paris, outro para Madrid. Era muito simples; bastava, por exemplo, que o sr. ministro da fazenda, em lugar de se propôr a crear dezete inspectores de contribuições, se contentasse unicamente com quatorze d'estes dignos funcionarios; e seria uma grata compensação esta, d'amanhã, em vez de contarmos mais tres primeiros officiaes, contarmos mais tres artistas notaveis!

Não peço de fôrma alguma ao Estado que se digne inspirar a arte. Seria tristissima essa inspiração e jámais d'ella resultaria a luminosa e sentida paisagem do sr. Arthur Loureiro. Unicamente peço que, desde que apparecem algumas vocações promettedoras, faça todas as diligencias para lhe abrir um horizonte mais largo do que esse que se limita, d'um lado pelas velhas paredes de S. Francisco, e do outro pela *vitrine* do sr. *Margotteau*.

E dado mesmo o caso de nos voltar de Paris algum *impressionista*, que o estado se não impressionasse com essa desventura. Antes um *impressionista* na pintura do que nos orçamentos.

— Da entrevista real em Elvas tem já a imprensa periodica dito o bastante para que eu me dispense de congratulações com os meus contrerancos por esse facto politico destinado a cimentar a aliança dos dois povos irmãos. Parece-me que é assim que se diz.

O OCCIDENTE não pode ainda n'este numero dar a tão jubiloso acontecimento a consagração da gravura, mas reserva-se para o numero seguinte. N'este pequenino torrão, assignalado ao mundo por um *poema epico* dormindo á sombra d'uma laranjeira, não são tão abundantes os factos d'esta ordem que os possamos deixar passar despercebidos.

— Podia acabar esta chronica fazendo o necrologio da luz Jablochhoff que acaba de expirar no Chiado, mas realmente não quero deixar impressões tristes no animo dos leitores. Diga-se entretanto de passagem: esta morte rehabilita de certa fôrma o arruamento mais considerado da capital. Deu-se durante tres mezes, o perfido, a libertinagem da iluminação, á mais infrene orgia de luz de que ha memoria nos annaes da escuridão, sem respeito pela companhia do gaz, nem pelas velas de cebo dos seus maiores! Ainda bem que reconsiderou, ainda bem!

Era realmente triste que a gente, mesmo sem querer, devassasse a cada passo, das 8 á meia noite, a cara dos notivagos discretos que passavam ao nosso lado, faltando assim, ainda que involuntariamente muitas vezes, ao respeito que se deve á capa do proximo.

Com um sopro só apagamos pois tres seculos de civilização. Iluminados por Jablochhoff, tínhamos impensadamente entrado pelo seculo dezenove dentro: iamos cair no abysmo, quando de repente a camara municipal dá á torneira e voltamos a 1579! Abençoado seja o senado de Lisboa!

A gente agora, querendo dirigir-se ao Largo das duas Igrejas, já não vai dar consigo em Babilonia: o que mais lhe pode acontecer é ir dar em Belem.

— Se os acontecimentos occorridos nos ultimos quinze dias não foram de natureza a provocar inteiramente o entusiasmo publico, se nem a Politica, nem o Hercules Albertini, ape-

zar de todos os programmas pomposos, não conseguiram deixar os espectadores dos circos aonde trabalharam, plenamente satisfeitos e inteiramente abrazados em santo entusiasmo, devemos, todavia, consolar-nos, do que nos não deram, com as coisas extraordinarias que nos promettem.

O theatro dos Recreios promete-nos a ultima palavra da zarzuela, sem a sr.<sup>a</sup> Moriones que eu supponho ser a primeira.

S. Carlos uma famosa companhia lyrica com a prima-dona Borghi-Mamo a mais, e o sr. tenor Piazza a menos.

O rei dos Zulus promete ir a Lourenço Marques comer as ultimas tropas que restam ao sr. ministro da marinha e das colonias.

A camara municipal promete ressuscitar a luz Jablochhoff, empregando para isso os esforços mais audaciosos, — inclusivê, acendendo-a.

Rossi, o grande tragico, de passagem para a America, em quanto arruma as malas no paquete, promete representar o *Hamlet* e o *Queen*.

O sr. ministro da fazenda promete deixar o deficit nas vascas da agonia, cujas vascas nos são prometidas em vão ha cerca de trinta legislaturas.

O sr. ministro das obras publicas promete dokas consoladoras ao porto de Lisboa.

A policia franceza, segundo os jornaes de Paris, promete descobrir um punhal cinzelado por Benvenuto Cellini, e com o qual mão desconhecida deu um *golpe* no thesouro da casa real portugueza, por occasião do ultimo baile da corte.

Realmente, depois d'isto tudo, val apenas esperar um pouco. N'uma semana é impossivel accumular maior somma de promessas risnhas, afóra as *esperanças abertas em flor* de segunda ordem, que eu não menciono por falta d'espaco.

E os acontecimentos e as esperanças accumularam-se de tal fôrma que não mencionei as *matinées* musicas na Trindade, dirigidas por M.<sup>me</sup> Amann, uma das inumeras directoras da orchestra feminina de Vienna d'Austria que tem chegado até ao extremo occidental da Europa.

Entretanto afianço ao leitor que M.<sup>me</sup> Amann, com a batuta, dirigindo uma orchestra, e Mademoiselle Elise Veinlich, melancolica e loura, gemendo a *Muzette* no violoncello, ambas de branco e azul em obsequio á Carta, não são realmente menos para applaudir do que os ultimos narizes flautas que atravessaram pelo firmamento luzitano, — não obstante terem feito menos sensação.

Todavia, das duas Beiras e do Alemtejo, chegam todos os dias noticias de haverem apparecido mais narizes-flautas e mais homens-peixes, e em quanto a Elizas Veinlich nem o districto de Vianna nem a propria Bairrada as produzem por em quanto!

GUILHERME D'AZEVEDO.

## O MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

(BUSTO DA SR.<sup>a</sup> DUQUEZA DE PALMELLA)

Na rapida noticia, com que temos de acompanhar uma gravura do OCCIDENTE, nem sequer tentamos esboçar a epica figura do Marquez de Sá da Bandeira. A sua physionomia tambem está ainda gravada na memoria de todos. Era um vulto dos tempos legendarios da cavallaria n'uma epoca de patriotismo e de utilitarismo, uma reliquia da epoca dos D. Quichotes no tempo dos Sanchos Panças. Chamaram-lhe o Bayard portuguez, e poucas vezes se adaptou tão bem a um vulto nacional um d'estes epithetos estrangeiros, que nós temos a mania de procurar para condecorar com elles os nossos patricios. *Sans peur et sans reproche*, era tambem a divisa do heroico mutilado.

Sá da Bandeira nem era um grande general, nem um grande estadista, e contudo o seu nome ha-de brilhar mais na historia do que

o de muitos dos seus companheiros de armas e de politica, que teriam talvez mais direito ao applauso da posteridade. Porque? Porque teve sempre a paixão das grandes coisas, porque consagrou a sua vida ao serviço de nobres idéas, e porque a sua figura resplandece, como o aço da sua espada, á luz do sol da historia, tendo também, como a lamina brilhante, a limpidez sem mancha e a rigidez inquebrantável. General, enquanto os outros dirigiam prudentemente as suas columnas de ataque, e faziam bem porque é esse o papel do que comanda,\* elle, despreocupadamente, com uma intrepidez serena, enterrando as esporas nos ilhaes do seu cavallo, partia a galope, Murat da liberdade, para os sitios onde se desencaixava mais terrível o temporal das balas.

Era um verdadeiro paladino dos bons tempos da cavallaria, teria sido um dos cavalleiros da Tavola Redonda, no tempo do rei Arthur, o commandante da Ala dos Namorados no tempo do mestre de Aviz, um dos doze de Inglaterra no tempo do Magrico. Apaixonou-se pela Liberdade, e fez d'ella a dama dos seus pensamentos. Por ella praticou feitos heroicos, por ella affrontou o ferro, o fogo, o carcere, o exílio, o punhal dos assassinos, as prepotencias dos despotas. Para cumulo de venturas, a liberdade constitucional encarnára-se entre nós no vulto sympathico de uma joven rainha perseguida, que appellava, banhada em lagrimas, para a dedicação dos portuguezes. Não era preciso tanto para que Bernardo de Sá Nogueira, o aventureiro heroe da guerra peninsular, floresse ao sol das batalhas a sua valente espada. A historia encontra-o sempre onde é maior o perigo. No fragil hotel, que vai conquistar o archipelago dos Açores, lá está Bernardo de Sá Nogueira; quando a missão de um parlamentar é perigosa, porque as paixões politicas podem fazer esquecer o direito da guerra, o parlamentar é Bernardo de Sá; nos outeiros varridos pela metralha miguelista, destaca-se, á luz dos relampagos dos canhões, o perfil cavalheiresco do futuro Marquez, e, quando enfim termina a lucta, agitando a espada com o braço esquerdo, porque o direito lá foi dado em penhor ao genio das batalhas, saúda a joven rainha a quem deu um reino, e o reino a que deu a liberdade.

Estadista, é igualmente cavalheiresco, e ainda a liberdade é a sua dama e o seu idolo. Apaixona-se pela emancipação dos escravos, como outr'ora se apaixonára pela liberdade politica do seu paiz. A esse pensamento supremo, a essa idéa sublime, consagra a sua vida; lucta por ella contra as resistencias do egoismo interesseiro, como luctou outr'ora, por uma idéa igualmente santa, contra a reacção do despotismo. E, feliz como merecia sel-o, morre depois de ver realizados os seus dois ideaes, depois de ter escripto com a sua espada nas muralhas do Porto e nas baterias de Lisboa a ultima estrophe do poema liberal, e com a sua penna nos codigos politicos, e na historia das colonias portuguezas o ultimo versiculo do Evangelho emancipador.

Ao cavalleiro que foi no mundo um espelho de pundonor e lealdade, ao homem que consagrou a sua vida á conquista dos mais nobres ideaes, que podem illuminar a alma humana, cabia a justa recompensa de ter a modelarem-lhe o busto as mãos fidalgas de uma dama intelligente e artista.

Quando, nos bons tempos da velha cavallaria, o heroe de mil feitos grandiosos voltava á cõrte do seu rei, tinha como recompensa suprema o passar-lhe a fina mão de uma suave castellã ou de uma doce rainha, á roda da cintura, a charpa matizada de ouro. Sobre o tumulo d'aquelles que tiveram no coração o amor dos santos ideaes, e no espirito a comprehensão dos mais generosos affectos, enlaçam-se muitas vezes as grinaldas de flores, entretecidas por mãos femininas, porque tudo o que é grande e bom e generoso e santo reflecte-se melhor na alma da mulher do que na alma do homem, como bem melhor se retratam as estrellas do ceu na agua tranquilla dos recatados lagos, do que na corrente espumosa e

turva dos rios, que se despenham pelos fraguedos do seu leito.

Se no nosso tempo já não dão mãos de mulher, nas estacadas dos torneios, as corôas aos vencedores, ainda é o seu applauso o que mais ambicionam todos os que procuram distinguir-se em qualquer dos ramos da actividade humana. A mulher tem o instincto do bom, do bello e do verdadeiro. Poeta, que não saiba captivar-as, será tudo menos poeta, heroe que as não entusiasme é porque só deixou na terra um rasto de sangue, que não regou nem fecundou as messes sublimes do progresso.

Sã da Bandeira leve agora uma consagração suprema. A sr.<sup>a</sup> duquesa de Palmella modelou em marmore o busto do intrepido general. E' d'esse magifico busto que o OCCIDENTE dá hoje uma gravura. O publico sabe que as mãos aristocraticas da herdeira de um dos mais gloriosos nomes de Portugal, a gentil senhora que todos os lisboenses conhecem, é uma artista de superior talento. Podia ser simplesmente escultural, quiz também ser esculptora. As suas mãos ducaes manejam o escopro com a habilidade de um grande artista. Consubstancia d'essa fórma em si propria duas entidades que costumam ser distinctas: modelo de estatuas, e creadora de estatuas, Victoria Colonna e Miguel Angelo. Assim se conserva a nobreza de um nome illustre, accrescentando-lhe sempre novos esplendores. Entrelaçados simplesmente na aurea grinalda da heraldica portugueza, as flôres da corôa ducal de Palmella haviam de desbotar com a acção do tempo, que não poupa as velhas raças, como não poupa os velhos monumentos: mas, entretecidos outr'ora com a corôa dos estadistas e dos grandes oradores, agora com a corôa dos grandes artistas, conservam sempre o seu primeiro brilho, e a superioridade hierarchica da fidalga de antiga linhagem affirmam-se, no meio da nossa sociedade democratica, com a superioridade muito menos incontestada do talento.

PINHEIRO CHAGAS.

## AFRICA

### O VALLE DO ZAMBEZE

#### II

É nossa opinião — e perdoem-nos os mais entendidos, se, em assumpto tão grave e tão difficil, nos atrevemos a ter opinião, — é nossa opinião que a Africa não será nunca nem um continente inglez como a America do norte, nem um imperio portuguez como o Brazil. A Africa deve ser, a Africa ha de ser, um continente, uma civilização de *negros* — juntando, n'esta designação, as raças diversas, mesmo em quanto a cõr, que n'aquelle vasto mundo existem.

Os viajantes tendem quasi sempre para a idealização dos povos com que mais convivem e com cujos costumes vem depois fazer passar os leitores europeus. Tem sido assim em Africa desde Mungo Park com os *Mundigos* até Krapf com os *Galla*, Schieveinfurth com os *Niam-Niam*, Rowley com os *Maganja e Uain*, e Levingstone com os *Macololo*.

E' certo porém que a maioria das pessoas que consideram as raças africanas como essencialmente incapazes de grandes desenvolvimentos e de alta civilização, nunca leu as narrações dos viajantes.

Entre os povos que vivem em volta dos mais afastados tributarios do Nilo, — ou dos ramos de oeste até aos lagos Mkyiniaga, Muta e Luta, Kivo, Akanyaru e Uereu (Lagos Alberto, Alexandra e Victoria dos Inglezes,) ou do Nilo azul nas montanhas da Abyssinia, e no territorio extenso onde vivem os *Gala* e os *Somal*, entre essas duas origens, e o mar das Indias, — a similhaça com muitas das figuras das antigas esculpturas egypcias é mesmo hoje, em muitos pontos notavel. Essa similhaça encontra-se ainda segundo a opinião dos via-

jantes (Levingstone, Rowley etc.) ao sul do Equador, na Africa oriental, entre os povos que rodeiam o lago dos Maraves (o conhecido Nyassa,) o rio Chive por onde aquelle comunica com o Zambeze, e muitas das terras ao norte d'este rio.

Estas raças, no seu conjunto, parecem differir muito das raças *pretas* que povoam a Africa occidental, nos valles do Quanza, do Zaire e do Niger.

Ao sul dos lagos da Africa central as raças do Nilo, justamente pelas margens do Zambeze, encontram uma outra raça com a qual ainda parecem ter muitos pontos de contacto.

Os Bantu, Cafres, Zulus ou Landins habitam a Africa desde as montanhas e costas do Cabo (propriamente a Cafraria dos arabes) até ás margens do rio Zambeze.

É esta a raça com que particularmente os portuguezes tem tido que tratar e que combater.

Agricultores, nomades, ou guerreiros, — conforme as phases da sua historia ou, principalmente, segundo as condições da região que habitam, — os zulus são pintados pelos viajantes como uma das raças mais intelligentes e de mais notaveis aptidões de toda a Africa.

Já a oeste da povoação portugueza de Tete, — e sobre tudo na região onde o Zambeze passa a chamar-se o Liambu ao vir do norte, e se junta com o Chobe que, n'este ponto, vem do sul, — também os zulus se confundem com os povos *pretos* do norte e occidente, e com os *Bechuanas* e *Macololo* do deserto de Kalahari; como se os rios, que elles especialmente habitam, os trouxessem a confluir nas suas correntes.

No pouco espaço que aqui temos para esboçar com os seus traços mais importantes os povos que habitam o valle do Zambeze principalmente notaremos dois factos:

Tem sido muito discutida a capacidade logica e religiosa dos selvagens de Africa. Apresentaremos, a esse respeito, um documento importante: <sup>1</sup>

*Unkulunkulu* significa o mais antigo ser; *Utlanga* quer dizer o creador.

Eis o que d'elle disse a um europeu o zulu Umpengula Mbanda:

«Quando os *negros* fallam de *Unkulunkulu* ou de *Utlanga* exprimem exactamente o mesmo. Mas n'isso nada dizem de claro.»

«Porque não ha um só de entre os proprios chefes que possa explicar o que se diz a respeito de *Unkulunkulu* de modo que outros entendam o que ahi ha de verdadeiro. . . Quando alguém pensa em taes coisas, por momentos que seja, logo as abandona para apenas se occupar com o que pelos seus olhos vê apesar de nem mesmo entender aquillo que vê. . .»

«Porque, se nós dizemos que entendemos o que por nossos olhos podemos vêr, é ainda mais certo que, se alguém vê pelos olhos do coração, esse poderá provar que na verdade nós nada entendemos.»

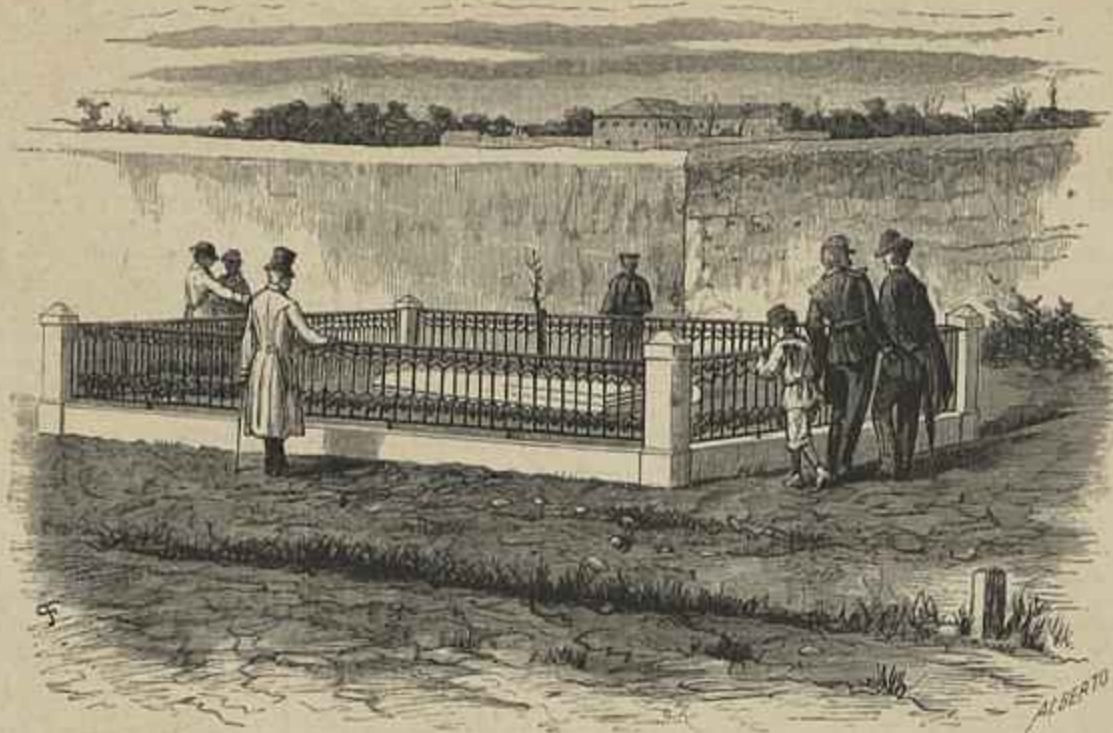
«Não podemos ligar á nossa condição primitiva e ao que foi feito por *Unkulunkulu* o curso da nossa vida desde que *Unkulunkulu* deixou de ser. O caminho de *Unkulunkulu* atravez a nossa existencia errante não chegou, na direcção que teve, até nós: vai além, mais longe, por onde não sabemos!»

«Quanto a mim, se alguém ha que possa entender o que se refere a *Unkulunkulu*, que vol-o diga. Tanto quanto eu posso vêr não ha relação entre o que elle nos deu e o que nós temos. . . Dizemos que *Unkulunkulu* nos deu todas as coisas e nos fez homens a fim de possuirmos as coisas que elle fez para nós: Por isso eu digo que ninguém pôde dizer que entende tudo o que se refere a *Unkulunkulu*, pois que apenas sabemos o seu nome, e já não vemos o caminho que elle traçou para que n'elle caminhassemos, ou as leis que devem dirigir as nossas vidas. Resta-nos, como guia, o pensamento nas coisas de que gostamos a que por isso nos prendemos com tenacidade e de que não podemos separar-nos.»

<sup>1</sup> Henry Rowley: *Africa unveiled*. London, 1876. *Bibl. Cultuweg: Religious System of the Amazuis.*

«Quando nos dizem: «Não faças isso porque te desgraçarás.» Eu pergunto: «Se isto me foi dado por Unkulunkulu como pôde ser máo?!» E' como quando casamos com muitas mulheres: Porque havemos de desaproveitar a abundancia que Unkulunkulu nos deu? Fazemos o que mais nos agrada. E se desejarmos entrar no mal, entremos em seu nome, e seremos como os que estão de posse da sua palavra. Na verdade não possuímos Unkulunkulu e apenas, fazendo a nossa vontade, a fazemos em seu nome. Não temos assim com elle união, nem mesmo aquella que elle desejaria que existisse creando-nos.»

«Nós os negros não podemos ver a grandeza de Unkulunkulu nem quanto nos



JAZIGO DO MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA NO CEMITERIO DE SANTAREM

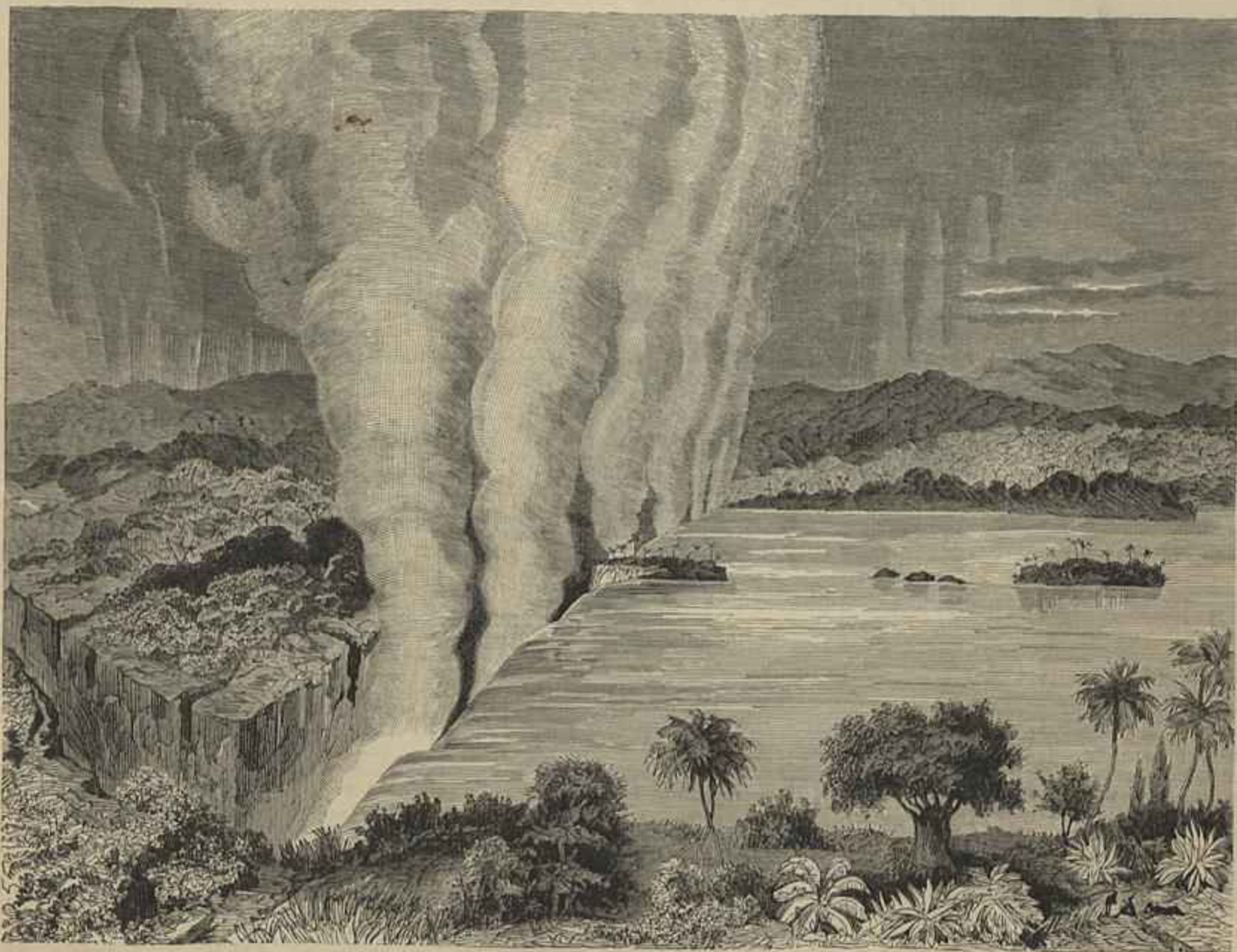
(Segundo uma photographia de J. Rodrigues da Silva)

amou por nos ter creado. Adoramol-o quando comemos, quando nos enchemos de alimentos, ou quando nos embriagamos, ou quando cumprimos os nossos desejos n'aquillo em que queremos cumpril-os, e somos agora como creanças que fazem o que não fariam se a mãe e o pae ainda fossem vivos e os vissem, mas que se suppõe n'um descampado onde ninguém os vê. Eis como adoramos Unkulunkulu.»

«Se alguém diz que não é bom fazer uma cousa má, pergunto: «Porque crearia Unkulunkulu o mal?» E esse alguém cala-se: Eis como adoramos Unkulunkulu.»

«... Como nada sabemos a respeito de Unkulunkulu, nem como se apartou de nós, nem que lei

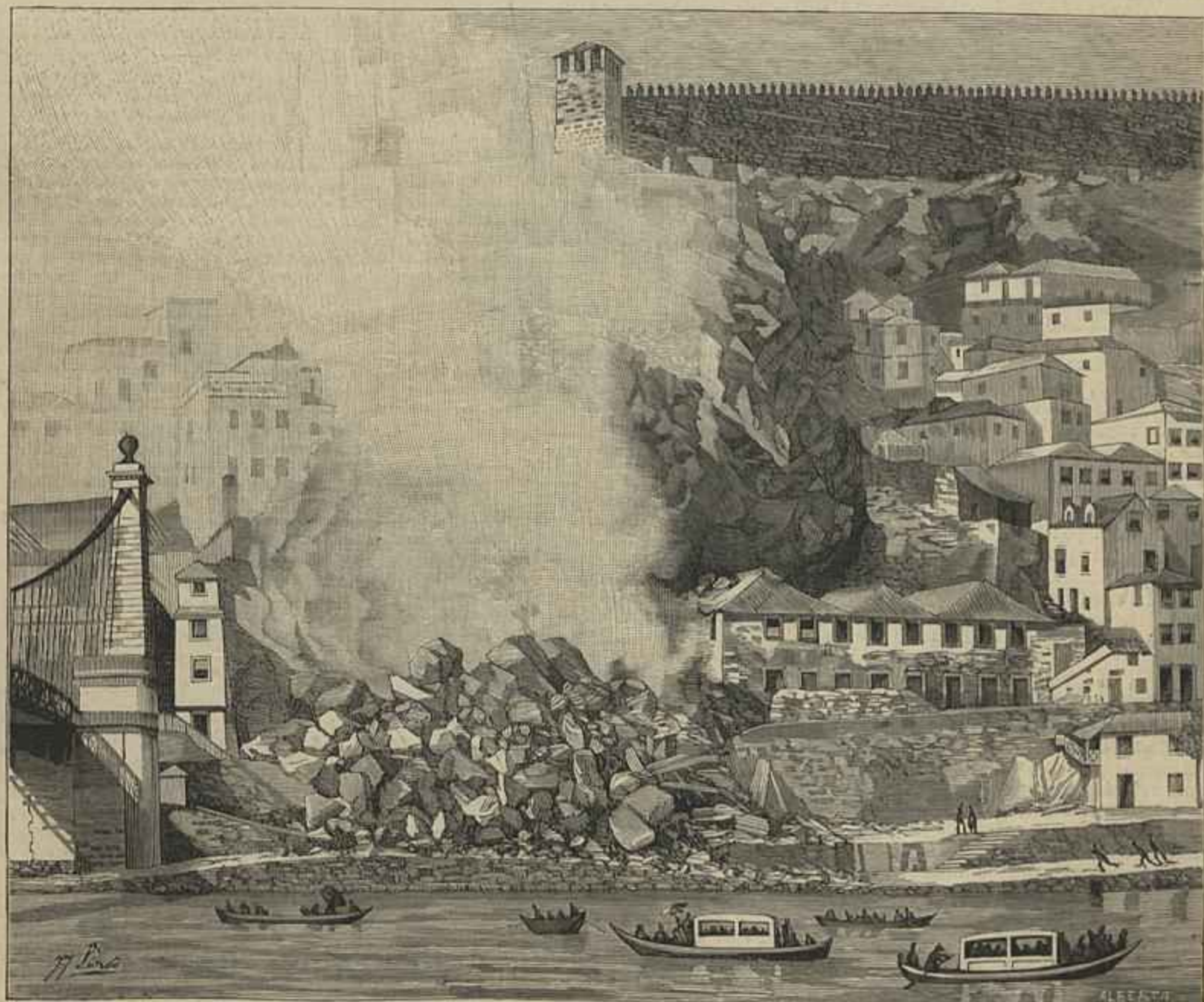
## AFRICA PORTUGUEZA



MOZIAOTUNYA (CATARATA VICTORIA DE LEVINGSTONE) NO ALTO ZAMBEZE, VISTA ?.



EXERCÍCIOS GUERREIROS DOS ZULUS NO DISTRICTO PORTUGUEZ DE SENNA, MARGENS DO RIO ZAMBEZE — (Segundo um desenho de Livingstone)



PORTO — DÉSABAMENTO DA PEDREIRA E PREDIOS NOS GUINDAES, OCCORRIDO NO DIA 27 DE JANEIRO DE 1879 — (Desenho do natural por J. J. Pinto, do Porto)

nos deixou, procurámos os Amadlhozi, os espiritos diversos que adoramos e que cada um de nós faz para si proprio... E todos dizemos: «Espírito da minha familia, espírito da minha tribo olha por mim!» Tal é a nossa situação.»

Pareceu-nos mais interessante a apresentação d'este documento pouco conhecido, e na verdade extraordinario como revelação da capacidade moral de uma raça pouco estudada, que tudo o que podessemos resumir dos viajantes sobre costumes mais ou menos conhecidos.

Na base que este estado moral fornece, o culto dos fetiches e da feiticaria assenta naturalmente.

Como prova de capacidade politica e militar dos zulus basta contar uma historia:

Pelos fins do seculo passado nasceu Chaka filho de Senzanakona chefe de uma insignificante tribo de Zulus que estacionava perto das Colonias Inglesas do sul. Creado, ao que parece, no meio de circunstancias semelhantes ás fabuladas a respeito dos Alexandre e Cesar dos povos asiaticos e europeus, Chaka foi perseguido por seu pae, e ponde, refugiado, aprender com os europeus o uso das armas e alguma cousa da tactica d'elles.

Tomando o governo depois da morte de seu pae, fazendo matar os que suppunha seus inimigos, e organisando os guerreiros da tribo, submetteu todos os povos selvagens desde a Colonia do Cabo até ao Orange, ao Transwaal, ao rio Limpopo, podendo armar, n'esta extensão, pelo menos, com mil combatentes.

Assassinado em 1829 por seu irmão Dingaan a quem succedeu Panda, a quem succedeu Cetywayo — com quem os Ingleses actualmente combatem, — a memoria de Chaka ficou na Africa oriental cercada de sangue, de prodigiosas façanhas e de fabulas supersticiosas.

Mosilikatse, que havia sido um dos seus chefes, foi governar os Matabelles, grande povo ao sul do Zambeze; Sebítuane, o amigo de Levingstone, — outro companheiro do Alexandre-Zulu, — levou os Macololo para as margens do Zambeze central; Maniku, outro chefe ainda, que atacou os portuguezes em Lourenço Marques, occupou depois Manica, o grande paiz do ouro, e todo o territorio entre aquella habia e o baixo Zambeze onde, especialmente, as populações recebem o nome de Landins.

Desde então até hoje, e desde o sul até aos estabelecimentos portuguezes do Zambeze, os Zulus tem valentemente combatido contra os Ingleses do Cabo da Boa Esperança, contra os colonos holandezes do Transwaal, contra os portuguezes da Provincia de Moçambique.

Entre os zulus e os europeus tem constantemente existido uma situação equívoca, a que o futuro reserva, sem duvida, uma solução clara.

Os europeus suppõem haver conquistado os territorios que mais ou menos occupam na Africa oriental, e ter submettido os povos indigenas. Estes consideram, pelo contrario, os estabelecimentos europeus como tributarios ao seu direito e ao seu poder.

E' n'esta attitudo que muitas vezes os Zulus se tem apresentado em volta das colonias portuguezas da costa de Moçambique, ou das estações isoladas, mas ainda existentes, de Sena e Tete, ou dos antigos postos do Zumbo e Manica.

Ao passo que os cafres se installavam nos seus antigos territorios da republica de Transwaal, esta julgava conceder-lhes e impunha-lhes um tributo, de resto, meramente nominal. E foi menos porque os cafres recusaram abertamente reconhecer os direitos dos Boers, do que por haverem começado a destruir as granjas dos colonos, a matar-lhes os gados, e a fazer d'elles escravos, que o presidente da republica do Transwaal começou uma guerra que os Ingleses continuaram depois quando se apoderaram do Transwaal, e onde acabam de ter, mortos ás mãos dos Zulus, 1:200 homens das suas tropas. Dirige a guerra Cetywayo, o descendente do grande Chaka de quem já falámos.

A quem escreve estas linhas contava ha cerca de dois annos um viajante africano, ex-

plorador das minas de ouro do Transwaal, que os Zulus combatiam este Estado com armas que a Inglaterra lhes fornecia. Hoje são os Ingleses que accusam as autoridades portuguezas de darem espingardas Sniders e peças de campanha ás tribus indigenas.

O que é certo é que sobre as colonias portuguezas da Africa oriental pesa uma ameaça grave e que os exploradores do Valle do Zambeze poderão muitas vezes encontrar ante si outros inimigos alem dos leões e dos búfalos.

E, todavia, os viajantes modernos que tem percorrido o Zambeze descrevem-nos os habitantes d'essa região, como povos muito applicados á agricultura: os homens caçando, exercitando-se sempre no manejo das armas, mas entrançando as redes com as fibras do Ifé, do Buaze ou do Milola, ou fiando e tecendo o algodão, que as mulheres cultivam, nos campos em volta das *cubatas*, onde o tabaco, o milho, o sorgo, o arroz, a canna de assucar são abundantes, onde as arvores dão a manga, o café, a banana, a maçã da Açufeifa, e onde, nos terrenos incultos, cresce, até grande altura, o auil, e a Cassia que dá o senna medicinal.

Outros, como os Akomboni ou Mapodzos, vivem no meio do rio, em barcos, sem se ligarem com as outras tribus, entregues á caça dos hippopotamos e á contemplação de *Kuena Usico* que é o nome de Sirius, ou de *Manjica* que é o nome da estrella d'alva, ou de *Ntunda a mais velha*, a estrella mais luminosa da Africa central.

E não tem geralmente estes povos nem a cor preta das tribus do occidente, nem as proeminencias das faces, nem a fronte inclinada, nem o nariz achatado, nem os beiços grossissimos. E as linguas diversas, mas todas, sem duvida, derivadas do antigo *bantu*, são doces, suaves e cheias de sybilantes originaes. (Dr. Bleek, dr. Lichtenstein).

ALBERTO DE CERVAES.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### JAZIGO DO MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA NO CEMITERIO DE SANTAREM

O valente e leal soldado, honesto e desinteressado estadista, o marquez de Sá da Bandeira, deixou determinado em testamento que o seu corpo fosse sepultado no cemiterio de Santarem, plantando-se junto da pedra rasa que desejava cobri-la a sua sepultura uma *agoeira*, como recordação do seu nome de familia. Nenhuma pompa mais.

A cerimonia da trasladação dos restos do valente general, para o seu jazigo definitivo, realisada no dia 15 de janeiro ultimo, foi imponente, achando-se representadas, além da familia real, todas as classes da sociedade, por homens distinctos nas armas, nas letras, na sciencia e na industria.

A nossa gravura representa hoje o lugar aonde os restos do valoroso soldado da liberdade descansam em paz depois da trabalhosa vida. É aquelle o modesto jazigo que em satisfação dos seus desejos foi erigido no cemiterio da velha cidade, terra natal do valente general. Ao longe avista-se, no monte d'Alcavova, sobranceiro ao Tejo, a propria casa da familia do finado, e junto da campã lá se vê a haste da singela arvore a cuja sombra hão de repousar os restos do nobre cidadão que tanto batalhou pela liberdade, com a espada, e com o pensamento, pela independencia e pela dignidade humana.

### DESABAMENTO E INCENDIO NA RUA DOS GUINDAES NO PORTO

No dia 27 de janeiro ultimo, a cidade do Porto foi sobresaltada, ás 3 horas da tarde, por uma catastrophe terrivel. Tres predios da rua de Guindaes haviam desabado esmagados pela montanha que ficava na rectaguarda e sobranceira a esses predios.

A grande rocha que em parte constituia a base da montanha estava fendida, e sobre esta assentava uma pequena casa que se andava demolindo, por já se prever o desastre que infelizmente se realisou.

Parte da rua de Guindaes marginal do Douro, o muro de vedação, as linguetas inferiores e o caes em frente, tudo desapareceu debaixo da derrocada constituida por calhaus enormes, alguns dos quaes, rolando até ao rio, metteram ainda a pique um barco, salvando-se milagrosamente a tripulação.

Segundo as melhores supposições que ainda até hoje

se não poderam verificar por não estar concluída a remoção dos entulhos, o numero das victimas deve ser de quatro ou cinco, e de mais seria se a municipalidade portuense, não tivesse, prevendo a catastrophe, obrigado os inquilinos dos predios soterrados a abandonarem a tempo as suas habitações.

As primeiras versões da catastrophe eram pavorosas, fazendo-se subir o numero das victimas a sessenta. O que é certo é que á ultima hora, antes do sinistro, a policia salvou a vida a alguns moradores obrigando-os á força a sair dos predios que dahi a pouco ficavam completamente aniquilados.

Quando os rochedos se amalgamaram sobre os predios, levantou-se uma intensa nuvem de poeira que por um momento embranqueceu a atmosphera. O desenho, reproduzido na nossa primeira gravura, feito no proprio local da catastrophe, dá uma clara idéa do local e do effeito pavoroso da funesta derrocada.

Alguns instantes depois das casas da rua de Guindaes ficarem esmagadas sob o peso dos enormes pedregulhos despedidos do alto da montanha, começaram a sair das ruinas grandes linguas de fogo, pois que em algumas das casas abatidas havia lume nas chaminés, communicando-se este aos destroços de madeira.

Era extremamente medonho o aspecto que apresentava aquella grande massa informe de traves e penedos illuminados sinistramente pelos clarões que saiam de entre as ruinas, reflectindo-se nas aguas do Douro, e deixando ver a immensa multidão que se accumulava nos barcos e nas margens fronteiras, até á ponte pensil.

A nossa gravura, reproduzindo um magnifico desenho, feito no local da catastrophe pelo nosso correspondente artistico o sr. Soares dos Reis, dá perfeita idéa de tão desoladora scena.

### A ESPADA DO MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

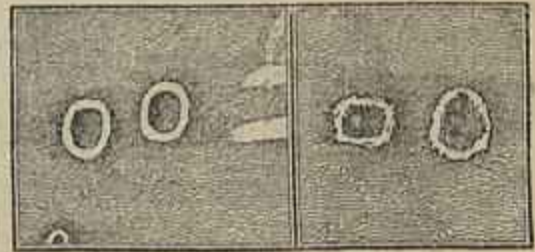
Pertence hoje á escola do exercito a espada valorosa do illustre marquez de Sá da Bandeira, que foi por largos annos director d'este estabelecimento militar, organizado especialmente por sua iniciativa. E como prova de tão entranhada affeição, legou-lhe a sua espada, reliquia preciosa, pois que sempre esteve ao serviço do direito e das liberdades publicas.

## ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

### A LUA SERÁ HABITADA?

(Continuação)

No leito pardacento do mar da Fecundidade, cheio d'areia, d'onde a agua parece ter-se sumido ha muito tempo, observa-se uma cratera dupla, formada por dois circulos eguaes, que os laboriosos selenographos Beer e Madler examinaram *mais de trezentas vezes*, de 1829 a 1837. Esta dupla cratera apresenta após de si um rastro branco singular que lembra a cauda d'um cometa, e, pelo motivo d'esta semelhança, os dois observadores allemães deram-lhe o nome do astronomo francez *Messier*, o mais infatigavel descobridor de cometas. Elles estudaram, descreveram e desenharam com um cuidado especial esta formação lunar, sobre a qual Schroter tinha já chamado a attenção em 1796. «Os dois circulos dizem elles, são absolutamente eguaes. Diâmetros, fórmãs, alturas, profundidades, côres, posições de algumas colinas adjuntas ás crateras, tudo se assemelha por tal fórma que não se poderia explicar o facto se não por um jogo estranho do acaso ou por uma lei da natureza ainda desconhecida. Esta dupla formação é ainda mais notavel por dois sulcos de luz parallelamente eguaes, rectilíneos, dirigidos no sentido do oriente.»



1 — A dupla cratera em 1829 | 2 — A dupla cratera em 1857

Esta descripção é tão detalhada, a asserção relativa á perfeita semelhança dos dois montes circulares é tão precisa, que a podemos tomar como ponto de partida para formar comparações absolutas. Ora nada mais curioso, direi mesmo mais mysterioso, mais inexplicavel do que o resultado de taes comparações. Gruythuisen, observador extremamente habil e escrupuloso, constatou em 1825 que a cratera occidental era de metade do tamanho da oriental, e alongada no sentido de este a oeste. A 13 de fevereiro de 1826, um facto estranho se manifestou na cauda luminosa: a fachada escura que a atravessava pelo meio apresentava-se semeada de pon-

tos luminosos «e julguei notar, escreve elle, que esses pontos não se apresentavam sempre na mesma posição. Por vezes, um ven, uma especie de nevoeiro parecia estender-se sobre elles, ao passo que em outras circumstancias em que elles deveriam ser menos visiveis por effeito da claridade solar, elles o eram com effeito.

Outra observação. Em 1853, Webb constatou que a cratera oriental era a maior das duas, e que a occidental, mais pequena, se alongava no sentido de este a oeste. Observações ultteriores mostraram que a superficie da cratera oriental não tinha mudado, mas que a da cratera oriental tinha na verdade tomado uma forma elliptica com um grande diametro de 18 kilometros e um pequeno diametro de 12. De 1870 a 1875, diferentes observadores, munidos d'excelentes telescopios, constatarão que o grande diametro media 20 kilometros e o pequeno 11. A differença das duas crateras em forma e grandeza, diz Neison em 1876, é hoje visivel, mesmo com a mais fraca lente astronômica. Todavia, Klein accrescenta que segundo as suas proprias observações em 1877 e 1878, este caso não é o que hoje chama as atenções; nota-se ao contrario de novo esta brusca modificação da forma e da grandeza das duas crateras. Este ultimo facto parece pois, d'ora avante, incontestavel: mas como se explica que estas alterações tenham podido escapar a Beer e a Mädler, desde que estavam constataes a partir do anno de 1824? Não haveria alteração alguma de 1829 a 1837? Nada se concluiu de positivo sobre o que deu causa á modificação da cratera occidental. Que força será necessario suppôr para deslocar o grande cixo d'uma cratera? Esta força é completamente desconhecida. Poder-se-ia admittir que o contraforte se esboçou interiormente do norte ao sul e no exterior de este a oeste. É a explicação mais plausivel, mas entretanto não parece sufficiente para explicar todas as modificações observadas. As duas crateras são ora semelhantes, ora diferentes uma da outra. O naturalista que procure as causas primarias acha-se, n'este ponto, extremamente embaraçado. O globo lunar será ainda porventura pastoso e movevel em certos pontos? A attracção da terra produzirá porventura n'elle marés extraordinarias? Uma e outra hypothese parecem absurdas, e o nosso primeiro cuidado devia ser o de organizar previamente a collaboração systematica d'um grande numero d'observadores para estudar com persistencia este ponto.

Um pouco menos enigmatica que a incessante variabilidade da dupla cratera Messier é a do circulo Linné no mar da Serenidade. Esta cratera foi primeiro extremamente visivel, pois que a encontramos já assignalada na carta lunar de Riccioli em 1831. Schuster, observou-a em 1788, e descreveu-a como «uma pequena mancha branca circular, offerecendo uma vaga depressão.» No tempo de Lohmann e de Mädler, esta cratera tinha um diametro de 30.000 pés e o seu interior escuro, assombreado, era visivel por effeito d'uma claridade obliqua: ao contrario quando o sol se elevava, o todo apresentava a apparencia d'uma mancha alva-dia. Em outubro de 1866, Schmidt notou que mesmo illuminada no sentido obliquo a cratera não era já visivel. A attenção geral dos observadores concentrou-se n'este ponto e eis aqui o que eu mesmo escrevi em 1867: «Eu tinha verificado no mez d'abril que no logar da cratera se distinguia uma nuvem branca quasi circular. A 6 de maio, das oito horas e quarenta minutos até que a lua desapareceu — tendo sido a lua nova no dia 4, examinei na parte obscurecida da lua, o ponto aonde se achava Linné, afim de reconhecer se não se manifestaria n'esta região qualquer apparencia d'acção vulcanica. Nenhuma especie de luar ahí se observava. Esta região offerecia a mesma grande sombra que o resto. No quarto noroeste do satellite percebiam-se um fraco luar extremamente sensivel. Esta claridade pallida abrangia a região d'Aristarque, e sem duvida não era mais do que um simples effeito da luz cinzenta. É conveniente entretanto accrescentar que n'aquella noite a claridade era mais intensa do que d'ordinario o parece.

A 7 de maio, quarto dia da lua, das nove horas, ás dez horas e trinta minutos (ocaso da lua ás dez horas e cincoenta e sete minutos), observei de novo a região de Linné, sem distinguir a mais tenue claridade. A que eu notara na vespera perto d'Aristarque guardava a mesma intensidade.

O estado do ceu, durante a noite de 8, não permitia observação alguma. A 9 o ceu aclarou-se pelas 11 horas e permitia alguns estudos. Mas a melhor noite para o estudo que nos preoccupa foi a de 10.

O sol não se tendo ainda levantado senão alguns graus acima do horizonte de Linné, illuminava muito obliquamente o mar da Serenidade. Distingui-me-se perfeitamente as pequenas irregularidades do terreno. Ao sul as crateras circulares de Plinio, Menelas, Bessel, Sulpicius, Gallus, manifestavam ao mesmo tempo o seu relevo e a profundidade das suas cavidades centras. Ao sudoeste, o sol illuminava o começo da cadeia dos Apeninos e ao noroeste fazia sobresair magnificamente as montanhas irregulares do Caucaso.

Uma observação aturada mostra immediatamente que Linné já não é uma cratera. Nenhuma sombra exterior ao oeste, nenhuma sombra no centro. No seu logar

não ha entretanto mais do que uma nuvem branca circular, ou antes uma mancha adstricta ao solo, a qual longe de se elevar como um cratera sobre o fundo um pouco verde do mar da Serenidade, parece não ser nem cavada, nem em relevo, assemelhando-se a um lago mais claro do que a planície visinha.»<sup>1</sup>

Que phenomeno se produziu? A explicação mais verosimil é que uma erupção de liquido, de lodo ou de poeira, trashordou da cratera, e se espalhou em roda formando um declive suave. Phenomenos analogos se dão no nosso planeta a proposito dos vulcões de vaza da peninsula Taman descriptos por Abich. De resto os phenomenos offerecidos por Linné não terminaram com o anno de 1867, pois que no anno seguinte se notou um orificio que depois se encheu de novo.

(Continúa)

CAMILLO FLAMARION.

## O CARNAVAL PORTUGUEZ

Póde o almanach muito imborna dizer-nos:

«Eil-o ahí chega correndo e saltando, dlouco, delirante, agitando febrilmente os guisados bulicosos do seu chapéu pontagudo! Eil-o ahí chega, o carnaval, sem quasi o haver ninguém presentido, risonho e folgasão como esempre, fazendo monices e saltando gargaalhadas estridulas! Ahí está quem ha-de arrancar da fronte sombria d'esta nossa gente, aque não ha alegria que lhe desfranza os labios, nem horas de loucura que a façam momentaneamente sair da grave e calculada esisudez, ahí está quem ha-de arrancar-lhe da fronte esse não-sei-que de nuvem melancholica e soturna que lhe peza n'alma como «carregada atmospherá! És tu que has-de injectar sangue novo e vivificante no marasmado organismo d'este povo! És tu que has-de converter a existencia n'um turbilhão vertiginoso de diabolica loucura atravez dos bailes e dos folguedos, atravez do chiar das mascararas e da algazarra das multidões! Bem vindo sejas tu, filho querido das tradições antigas, alegre e sempre brincalhão, remocido e festejado, desde as antigas saturnaes até ás mascaradas de hoje!»

Em que peze ao calendario, nunca se disse mais redonda mentira!

Cá o temos todos os annos por este tempo a espreitar-nos e a fazer-nos negaças; mas... pobre carnaval, quem te viu e quem te vê!... *quantum mutatus ab illo!*

Intrudo lhe chamavam os nossos maiores, que até na denominação essencialmente classica e nacional apresentava o carnaval portuguez incontestavel vantagem acima de quanta mascarada veneziana, acima de quanto delirio parisiense nos contam os viajantes em suas deslumbrantes narrações.

Venham cá, venham cá os phreneticos cancanos do baile Mabille, — as gondolas do Rialto, orchestras ambulantes illuminadas a giorno, — ou o vertiginoso rodar de caleches no Corso entre chuveiro de confeitos e rebuçados! Venha cá tudo isso pôr-se em frente do que era nosso, privativamente nosso, e quizera eu depois que me dissessem qual ganhava a primazia.

Pois havia nada mais ingrçado, no meio de uma quasi innocente malicia, do que as pulhas com que reciprocamente uns aos outros se provocavam, aquellas pulhas de sempiterna gargalhada e de um sabor tão verdadeiramente portuguez?

Entre rapazes e moças, era qual mais experteza havia de mostrar, qual mais na bochecha poderia pregar a denominada *peça de intrudo!*

Hoje moças que namorem não passam de umas semsaboronas.

Nos bons tempos, que lá vão, é que eu as queria: — rapariga, que não pregasse um *raboleta* ao namorado, poderia ser tudo, menos secia do tom. Depois seguia-se a corridinha á janella com as irmãs mais novas, e todas a rirem, a rirem como perdidas! e o rapaz dando pela cousa finalmente, e a fazer-se vermelho que nem um lacre!

O remate á despedida consistia n'isto; mas antes d'isso tinha sido já o demonio n'aquella

casa: — eram cartuchos de gomma a impoarem-lhe o cabelo, eram *papellinhos* picados, eram os doces fingidos, era a centopeia de cera espetada na parede; e se o tolo cahia, ou se deixava cair no engano... eram surriadas, eram puxões, eram impurrões, que por menos ia d'antes um pobre diabo figurar de martyr na folhinha!

Até o pae de familia desinrugava a severidade patriarchal dos outros dias, dava dinheiro para a festa, approvava quanto fizessem de estrepolia, com tanto que não quebrassem algum vidro, nem esquecesse a hora costumada de pôr o jantar ao lume, — e chegava a indulgencia a ponto de perdoar e achar graça, se elle proprio se enganava, e ao introduzir na boca a filha, em vez de encontrar o classico recheio, cravava os dentes na intrometida estopa!

As filhas, auxiliadas pela criada moça, tornavam-se n'esse dia uns verdadeiros diabretes.

Depois... de janella para janella estabelecia-se um tiroteio de laranjas e de cascas de ovos com gesso, que chegava a rua a tornar-se intransitavel, sob pena de ficarem os transeuntes com um olho de menos; mas tudo isso era festejo e brinquedo, e não valia desconfiar por tão pouco; fazia-se cara alegre, mostravam-se até com certo orgulho as escalaraduras recebidas na refrega, e a brincadeira ia sempre por diante.

Depois... as cabacinhas de cera pintada, com agua-de-cheiro dentro! Depois, as seringas de canna, a esguicharem liquido sobre quem tinha a infelicidade de ser pilhado como victima! Depois, as mancheias de tremoços arremessados á cara! e, quando faltava o tremoço, eram os feijões da dispensa; e, quando faltava o feijão, era o grão; e, quando se acabava o grão, ia mesmo a aleoia que o continha.

Não estava ainda por esse tempo introduzido o maldito uso das estampilhas na correspondencia; resultava d'aquí ferverem cartas e mais cartas que os correios traziam, e cujo porte o destinatario tinha impreterivelmente de pagar; depois, ao rasgar do sobrescripto, eram versos e glosas, eram chufas e pulhas, — e fossem lá adivinhar o auctor da caçoada!

No meio de tudo aquillo... galhofa e mais galhofa! As velhotas mesmo não pezava que lhes pregassem alguma; e o mais que poderiam seria lembrar os tempos passados e surrir complacentes ás travessuras diabolicas da rapaziada, que andava com o sangue nas guelras, segundo o seu modo de dizer.

E então para namorar?... aí! que magnifico ensejo! Quantas vezes não acabava toda aquella matizada infernal por um olhar ás furtadellas, e atraz do olhar um bilhetinho, depois a espera do costume aos domingos na missa das onze, junto á pia da agua benta, e afinal os tres pregões do estylo! Era só esperar que passasse a festa da Paschoa e viessem ás benções, para se pôr o remate á obra tão bem principiada em terça-feira gorda.

Começava a cousa por um talo de couve arremessado á cara, e acabava pela grinalda proverbial da flor de laranjeira... na egreja quarenta dias depois.

Outras vezes eram arrufos entre os que já se cortejavam! — «E porque andavas tu a correr atraz de teu primo, quando eu intrei?» — «E que visinho da ilharga é aquelle, com quem tu estavas tão entretida a jogar o intrudo?»

Santas recriminações, que a final de contas terminavam sempre por se fazerem as pazes, volvendo o harmonia antiga!

Na escada, então, travava-se uma balburdia, que nem o diabo se intendia: — e lá se cortou o cordão á campainha dos visinhos! e lá va a travessa da criada embaçar o gallego que traz para a ilharga uma bandeja de fritos.

No dia seguinte é que ha-de ser galhofada bravia, contando-se o roubo e o lógro feito ao gallego em detrimento do roubado, o qual não tem remedio senão acabar por se rir da cousa tambem!

E o aguadeiro da casa? — coitado! esse adquiria foros de verdadeiro martyr: — eram pós de sapatos com clara d'ovo, era grude com que lhe bezuntavam as mãos: era no fim de tudo um pote

<sup>1</sup> Viô os meus Estudos sobre a Astronomia, tomo 21, pagina 216.

velho de barro, que lhe deixavam cair aos pés no meio da rua, lá do alto da janella, quando o infeliz ia a sair da porta; ás vezes o projectil errava o caminho e acertava-lhe na cabeça... mas a intenção havia sido divertida, e por se não ter pontaria infallivel não se ficava prohibido de brincar.

Pobre agudeiro! até esse elemento está por um triz a extinguir-se de todo entre nós! elle, que era sempre a besta de carga nos brinquedos d'este nosso bom povo, — elle que levava o bilhetinho da namorada, e que trazia a resposta escondida no bolso do inesgado colete, — elle que furtava no troco das despesas diarias os dez réis cheios de azêvre, destinados á sonogada compra da vella de sebo para a filha da casa ter luz com que por horas mortas pudesse clandestinamente escrever o sobredito bilhete, — elle, em summa, que se daria por muito feliz no meio de tudo isto se escapasse á graça de lhe pôrem um cabresto na cara e de o levarem ao chafariz a beber no tanque!

E as moças riam, que era um louvar a Deus!

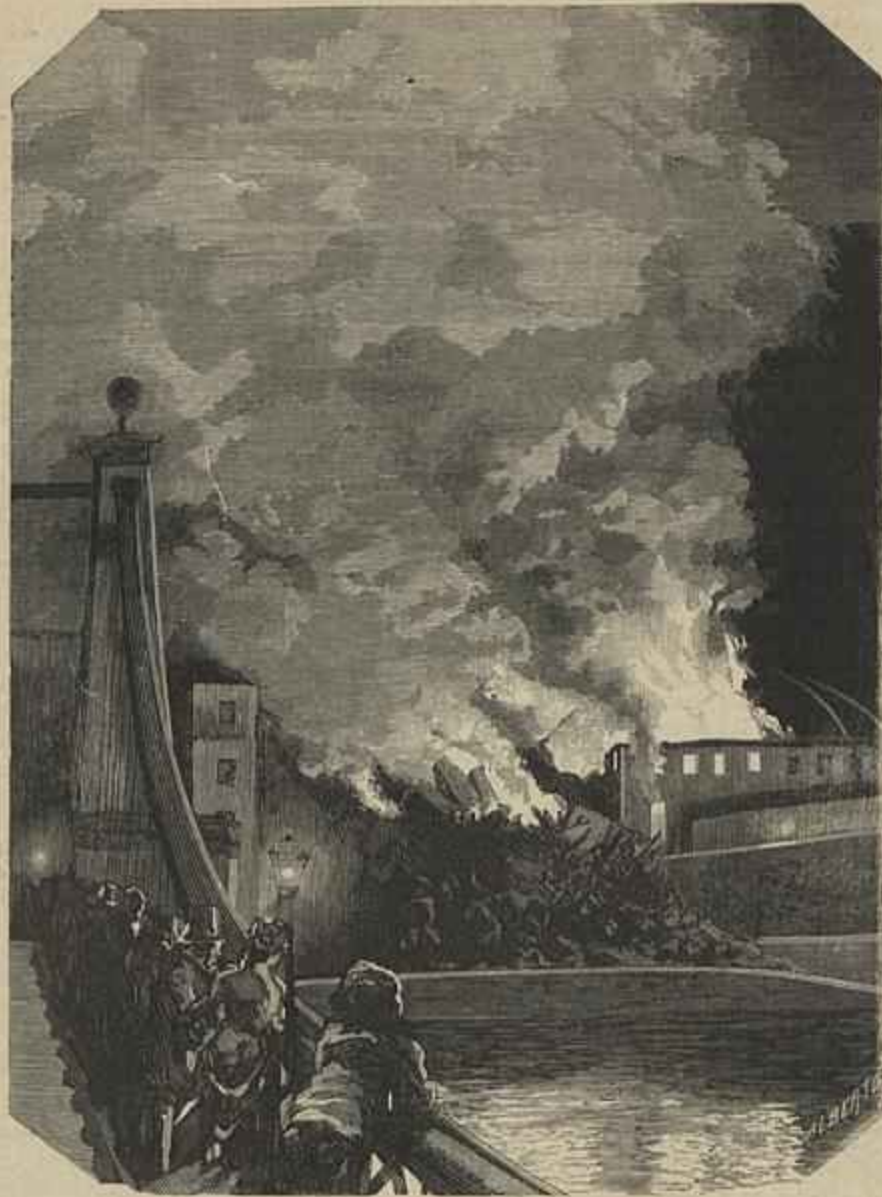
Pela sua parte os rapazes despiçavam-se tambem, que era um gosto; havia tal, que fazia chegar lá da rua um ovo puxado com força até ás alturas de um quinto andar: — e que viesse o *ginja* de algum velho imbirrar com a brincadeira! que viesse tomar satisfações ou chegasse á janella a ver quem seria o bréjeiro!... se não tinha logo uma saraijada de qualquer cousa a metralhal-o por todos os lados?!

Até as luvas velhas por aquelles dias passavam a representar utensilios d'alto valor. Enchia-se uma cousa d'essas, fosse com o que fosse, comtanto que fizesse peso; prendia-se depois a um cordel; e cá de cima, do balcão da janella, deixava-se cair de chofre sobre o chapem novo de um pobre viandante que passava pacato e desaparecido: quando o triste ia voltar-se a ver o que era, já o cordão



ESPADA DO MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

Legada á escola do exercito



PORTO — INCENDIO DEPOIS DO DESABAMENTO NOS GUINDAES, OCCORRIDO EM A NOITE DE 27 DE JANEIRO DE 1879

(Desenho do natural por Soares dos Reis)

tinha sido puxado, e fossem lá muitas vezes adivinhar o auctor do brinquedo!

— «Bem me dizia minha mulher, que não saísse hoje com este chapem; então, não querem ver que m'o amolgaram?»

Aquella primeira amolgadura era o reclamo para uma serie interminavel de *yebadas*. Quando o desgraçado chegava a intrar em casa, ia mesmo que fazia lastima!

— «Nada! no intrudo que vem não hei-de levar á rua chapem novo!»

E protestava, e praguejava a victima, e fazia diligencias por indireitar o que fôra chapem no principio, e a final se achava reduzido ás condições de figo do Algarve depois de machucado e passado.

Loja, que estivesse aberta n'aquelles ultimos tres dias, tinha muito que contar.

Ali vem uma chusma de indiabrados a intrarem muito serios por uma confeitaria dentro affectando ares de donos de casa.

— «Diga-me: tem *abobora coberta*?»

— «Tenho, sim, meus senhores.»

— «Pois *descubra-a*, que vem ahí o Santissimo.»

E eram risotas acompanhando aquelle trocadilho carnavalesco, eram gargalhadas, eram berros, eram alaridos; — o pobre caixeiro acabava por se ver obrigado a fugir, sob pena de ser ali esfolado em vida ou provisoriamente inforcado no travessão das balanças.

Mais adiante era o mestre-barbeiro, chegando á porta da loja todo indignado, por lhe perguntarem aquelles *bandalhos* se tinha obra feita.

Não escapava o gallego, não escapava o carvoeiro, não escapava o sapateiro da escada,

não lograva escapar o esteireiro, não escapava mesmo o boticario.

E livrasse-os Deus de que desconflassem... porque, então, ficavam servidos!

Aquillo, sim, que era bom tempo! e fossem lá dizer-lhes que trocassem, a ver se queriam, pela desenxabida insipidez do carnaval d'hoje aquellas folgazãs *intrudadas* de que todos riam.

Hoje de todos esses brinquedos, que passaram, restam apenas as decantadas *danças* de cavallões e marmanjos vestidos de pastorinhas a bailarem entre os costumados arquinhos de flores ao som do classico apito — elemento essencial da ordem no programma de toda aquella brincadeira.

E adiante de todos vem o indispensavel velho de rabicho e cabelleira imitada, trajando comicamente segundo o gosto do seculo passado, fazendo trejeitos, deitando versos, e mirando lascivamente atravez de uma luneta colossal os incantos de quanta mulher formosa acode ás janellas.

Isto, e um certo gosto que tem o nosso povinho para se mascarar de tureco ou para fazer folia embrulhado em qualquer farrapo velho, — eis quanto nos resta do carnaval puramente portuguez.

Alóra isto, o intrudo entre nós não tem senão os bailes de mascaras nos salões dos theatros.

Se ainda ao menos, em compensação, os perfumasse a embriaguez do delirio ou os esmaltasse o esplendor de um verdadeiro orientalismo!... se da phosphorescencia dos candelabros e do espumar do *champagne*, se das

grinaldas de flores e da voluptuosidade mysteriosa dos dominós, do ardor vertiginoso das valsas e da harmonia febricitante da orchestra rompendo em catadupas pelo festivo ambiente das salas, resumisse um filtro de inebriante magia que por momentos nos adornentasse as sensaborias da vida prosaica!...

Mas... nem isso!

Decididamente o carnaval portuguez está morto, e bem morto!

XAVIER DA CUNHA.

## ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Pelo dedo se conhece o gigante.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thezouro Velho. 4